
João Batista
MINHA HISTÓRIA COM
JESUS

INDICE

Relato I	3
Jesus era, desde há muito, meu anjo instrutor	3
Remorso, batismo e arrependimento	8
Relato II	11
Aquele encontro de nossas mães foi especial	11
Relato III	16
A masmorra fria não poderia aprisionar o ser espiritual	16
O verdadeiro cativeiro é interior	18
Relato IV	20
O deserto	20
O oásis não deve ser tomado como oposto ao deserto	22
Relato V	25
Jesus, o médico das almas, era também o melhor professor.	25
Jamais o Cristo deixou de zelar pela humanidade	27

Geak / Ipeak / Revista espírita digital

No mesmo grupo espírita[1] cujos membros buscam aproximar-se de Jesus, o modelo e guia da Humanidade, João Batista fora evocado algumas vezes para contar um pouco de sua história junto ao Cristo. Reunimos neste opúsculo os relatos obtidos, seguidos de comunicações de Allan Kardec, acrescentando alguns ensinos de suas obras quando julgamos oportuno."

Eis o primeiro relato obtido:

Relato I

Jesus era, desde há muito, meu anjo instrutor

Por João Batista

"Jesus, o Cristo, Espírito ímpar de pureza, de sabedoria e de amor, é para mim um pai cujas mãos me socorreram, retirando-me, em remotas eras, dos pântanos da ignorância. Com seus fluidos de quintessência inimaginável ao vulgo da Terra, ele me envolvera, dando-me forças e bom ânimo, sempre que era chegado o momento de haurir o sopro divino, a fim de mergulhar no mundo corpóreo em novas oportunidades oferecidas pela reencarnação para dar continuidade às tarefas que me cabiam.

Ao termo de cada jornada no corpo físico, o Cristo me recebia e me envolvia em sua luz divina, retemperando-me com seus ensinamentos e auxiliando-me a passar em revista

[1] Geak - Grupo de Estudos Allan Kardec.

cada encarnação concluída e, da mesma maneira, apontava-me direções para as novas tarefas que viriam.

Ele era, desde há muito, meu anjo instrutor que paternalmente me guiava pelas experiências do mundo corporal, ao mesmo tempo em que me preparava para dar meu contributo à sua obra na Terra. Com o tempo, mais esclarecido por suas lições de sabedoria e mais sensibilizado por suas expressões de puro amor, a cada retorno ao mundo dos Espíritos eu não mais via em suas mãos amigas apenas uma tábua de salvação das águas revoltas do mundo, mas como o mais depurado dos seres capaz de renovar-nos o Espírito e a quem eu deveria seguir, e servir com devotamento e abnegação.

No mais profundo do meu ser, passei a ver suas mãos que me conduziam à reencarnação e que me recebiam ao final desses mergulhos no corpo carnal, como o símbolo da renovação, da transformação ascendente do Espírito; com essa compreensão eu me aproximava cada vez mais do Mestre e mais entendia a sua pureza indizível.

Quando o mundo ultrapassara as fronteiras da era pagã e parte da humanidade já havia aberto os olhos para o Espírito, o Messias desceu às neblinas do corpo carnal; a mim coube a tarefa de ser, na pessoa de João Batista, um de seus arautos; o batismo, em sua simbologia, era o ato que mais se ajustava às minhas memórias junto ao Mestre e, à época, foi útil instrumento pedagógico para que a vontade sincera de arrependimento e renovação fosse fortalecida nos homens.

O anúncio de que chegaria ao mundo o Messias foi o coroamento de muitas existências dedicadas a entendê-lo e

servi-lo.[2] Alguns séculos antes do seu advento, juntamente com outros de seus discípulos, eu havia contribuído na preparação do terreno para que sua encarnação produzisse mais benefícios. Difundindo as ideias lógicas acerca da imortalidade da alma, da conduta moral e de suas consequências inevitáveis, incentivando o bom raciocínio e a busca pelo bem, apenas estava apresentando ao mundo o que ele me havia ensinado, para que mais tarde o mundo o reconhecesse.[3]

Foi assim que, quando Jesus encarnou, também retornei à Terra, atendendo aos desígnios do Mestre, a fim de preparar o caminho em terras de alguns poucos doutores e muitos

---

[2] "João dá testemunho dele [Jesus], e fala: Eis aquele de quem eu vos dizia: Aquele que deve vir após mim, foi preferido em vez de mim, porque ele era antes de mim. Todos nós recebemos de sua plenitude, e graça por graça. Pois a lei foi dada por Moisés; mas a graça e a verdade foram trazidas por Jesus Cristo. Ninguém jamais viu Deus: o Filho único que está no seio do Pai, é aquele que o deu a conhecer." (S. João, 1:15-18)

[3] Parece tratar-se da doutrina de Sócrates e de Platão. Veja-se: *O Evangelho segundo o Espiritismo* - Introdução - IV - Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo; e também: *O Evangelho segundo o Espiritismo* - Introdução - Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão.

iletrados — estes, porém, plenos de fé.[4] Se na Grécia foram assentados os princípios racionais da imortalidade, da reencarnação e das consequências dos atos moralmente livres, nas terras incultas, onde a ideia do Deus único estava bem disseminada, a fé e a caridade encontrariam solo fértil, cabendo ao esforço das almas fazê-las germinar ao seu tempo.

Decidido, servi ao Cristo como pude. Preparei almas, chamando-as ao arrependimento de suas faltas e a se reconduzirem ao bom caminho. Usei dos recursos que tinha então para servir ao Mestre que tanto amava e amo, ao Guia que se dedica incansavelmente ao trabalho de regeneração da humanidade.

Retornei à verdadeira vida antes do Cristo. Deus me concedera a maior das honras, algo que marcou meu Espírito de maneira indelével e assumiu grandes proporções em meu caráter. No derradeiro momento na cruz, findadas as cenas cruéis promovidas pela ignorância humana contra o ser puro que pisara na Terra, o corpo de Jesus exalou o último sopro e seu Espírito retornou à verdadeira vida; então expandi minha alma de filho agradecido e o recebi com profunda ternura e alegria.

---

[4] "Houve um homem enviado de Deus, que se chamava João. Ele veio para servir de testemunha, para dar testemunho à luz, a fim de que todos cressem por intermédio dele. Ele não era a luz, mas ele *veio* para dar testemunho *àquele que era* a luz. Aquele era a verdadeira luz, que esclarece todo homem que vem a este mundo. Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Ele veio para sua casa, e os seus não o receberam." (S. João, 1: 6-11)

Abracei aquele que, em sua pureza, desceu ao mundo e, submetendo-se à grosseria da matéria, pôs-se a caminhar entre os homens para indicar-lhes, pelos ensinos e pelo exemplo, o caminho da verdadeira felicidade, servindo-lhes ele próprio de modelo e guia."

João Batista

(Psicografada dia 18 de dezembro de 2026.)

> "Até ao presente, a fé não foi compreendida senão pelo lado religioso, porque o Cristo a preconizou como poderosa alavanca, e porque se viu nele apenas o chefe de uma religião. Entretanto, o Cristo, que realizou milagres materiais, mostrou, por esses milagres mesmos, o que pode o homem quando tem fé, isto é, *a vontade de querer*, e a certeza de que essa vontade pode ser realizada. Também os apóstolos, seguindo-lhe o exemplo, não fizeram milagres? Ora, que eram esses milagres, senão efeitos naturais, cuja causa os homens de então desconheciam, mas que hoje se explicam em grande parte, e que se compreenderá completamente pelo estudo do Espiritismo e do Magnetismo?"[5]

[5] *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIX - A fé transporta montanhas - Instruções dos Espíritos - A fé humana e a divina.

Remorso, batismo e arrependimento

Por Allan Kardec

"Os Espíritos vinculados à Terra, em linguagem antiga, os “nascidos de mulher”, costumam, devido às experiências vividas, guardar afeição a certas localidades, paisagens, e mesmo nações.

Com o tempo, esse apego se desfaz e as boas experiências são atreladas a essas realidades materiais apenas em nível metafórico; ou seja, os lugares passam a servir como figuras de linguagem para fixar melhor determinadas instruções que os Espíritos superiores buscam levar aos seus irmãos da Terra.

Um exemplo disso foi a associação feita pelo Espírito de Josué entre a noção de mudança mental – que, do grego *metanoia,* foi traduzida para as línguas modernas como arrependimento – e as águas do Rio Jordão[6]. Foi passando por esse rio que Josué recebeu de Deus a tarefa de conduzir o povo de Israel após a morte de Moisés. Foi às margens do Jordão que ele tomou sua mais séria decisão e, por um ato de vontade, Josué buscou modificar seu espírito, vencendo seus medos, desenvolvendo a coragem e a prudência para guiar seu povo, tendo por base uma fervorosa fé no Deus único.

Nas águas do Jordão, Elias transferiu a Eliseu a responsabilidade da propagação das leis de Deus, deixando para trás sua vida terrena de acertos e erros para reentrar no

---

[6] Veja-se o artigo intitulado: Jesus era, desde há muito, meu anjo instrutor, por João Batista.

mundo dos Espíritos, feliz pelo bem que realizara, mas arrependido pelos excessos que cometera. Por tão significativos momentos que viveu em suas águas, é compreensível que esse Espírito guardasse do Rio Jordão memórias marcantes e imagens inapagáveis.

Mesmo reencarnado, sob as leis do esquecimento, o simples caminhar em suas margens poderia trazer-lhe sensações pertinentes ao que antes ali vivera. Desta maneira, as sensações boas que levariam a uma relação com a própria noção de arrependimento — a mudança moral que realizara — seriam posteriormente organizadas racionalmente na forma de metáforas instrutivas. Mergulhar nas águas do Jordão seria, então, a imagem material do ato de arrepender-se, mesmo que não fosse a causa do arrependimento em si.

Saindo agora do campo da psicologia das figuras didáticas e de suas origens, pensemos no que nos importa para a vida prática: o próprio sentido que o termo "arrependimento" encerra.

O arrependimento é um ato da vontade, dirigido pela razão. Diferente do remorso, que é uma dor causada pelo próprio Espírito que a sente e dela faz manutenção, o arrependimento é uma mudança moral, frente às faltas pregressas, que guarda relação com a fé e com a luta pessoal contra o orgulho. Enquanto houver orgulho, o remorso, que dele recebe conforto passageiro cada vez que se criam justificativas para os próprios erros, tende a permanecer.

Mesmo oculto pelos enganos da vaidade, do egoísmo e do próprio orgulho, o remorso sempre ressurge, quase sempre mais forte, na insônia, no corrosivo sentimento de culpa, na precariedade do sistema imunológico ou nas dores cujas

causas eficientes nem mesmo os mais sofisticados exames conseguem detectar.

Para o arrependimento ser efetivo e não ser confundido com o remorso que fere, o uso da razão, o conhecimento de si mesmo e a prece fervorosa e sincera são a chave. São práticas que, quando diárias, transformam os fluidos nos quais a alma está mergulhada, formando uma espécie de “novo Jordão” que permanecerá com o Espírito onde quer que ele esteja.

Os erros devem receber o escrutínio da razão; devem ser refletidos profundamente e não ruminados nas noites insones, nem parcamente justificados sob os sofismas do orgulho. Assim, o desejo de mudança ganhará bases racionais; assim, a vontade será guiada pelo juízo e as ações de quem se arrepende darão sinais de sincera e real mudança. Tais ações, enfim, não terão o cunho formal de atitudes que buscam mais aplacar o remorso do que promover a verdadeira caridade, esta, sim, a única capaz de dar ao Espírito a paz que ele tanto almeja.

Bendito Espiritismo, que vem elucidar as figuras, explicar as alegorias e rasgar os véus que ocultavam o que hoje o entendimento é capaz de assimilar.”

Allan Kardec

(Psicografada dia 16 de maio de 2026.)

"Na Grécia antiga, metanoia significava “dar-se uma norma de conduta diferente, que se supusesse ser a melhor."

Em Filosofia

O termo grego μετάνοια metanoia é composto pela proposição μετά (o que ultrapassa, engloba, coloca acima) e

do verbo νοέω (perceber, pensar), que significa “mudança de visão” ou “mudança de olhar” que vê o pensamento e a ação se transformarem de maneira importante, mesmo decisiva.

Em Teologia

Metanoia é habitualmente traduzida nos textos bíblicos por “penitência" ou por “arrependimento”.

Porém, no Novo Testamento esse termo tem o sentido de uma conversão a Deus: “Metanoia significa além de nós, além do intelecto, de nossa razão e diz respeito a um movimento de conversão ou de transformação pelo qual o homem se abre em si mesmo para algo maior do que ele próprio."[7]

Relato II

Aquele encontro de nossas mães foi especial

Por João Batista

"A encarnação do Cristo ocorreu de acordo com as leis naturais.[8] Revestindo-se do corpo carnal, o Espírito mais puro que caminhou sobre a Terra não quebraria as regras da natureza, por mais que sua superioridade espiritual lhe

---

[7] Veja-se na *Wikipédia* o verbete Métanoïa

[8] Veja-se: *Revista Espírita*, janeiro de 1862 - Ensaio de interpretação da doutrina dos anjos decaídos.

garantisse maior liberdade no processo de estruturação do laço que o vincularia ao corpo em formação.[9]

Aquele encontro de nossas mães, ambas gestantes, que foi registrado e mantido pela tradição cristã, foi verdadeiramente especial.[10] Todavia, as impressões que as marcaram não diziam respeito apenas à sensibilidade de nossos futuros envoltórios. Elas, compartilhando as alegrias e as dificuldades da gestação puderam perceber, assim como as poucas pessoas que ali estavam, nossa presença em Espírito, e também puderam sentir os efeitos do nosso júbilo ante os eventos que se aproximavam. Isso foi para elas uma espécie de confirmação do que já pressentiam: o amor que nos unia era independente dos laços de parentesco.

A alegria do encontro das mães, no corpo, com os filhos em Espírito, se estendia aos poucos presentes no mundo material, mas também aos muitos que os assistiam do mundo dos Espíritos. Entre estes, discípulos do Mestre de todas as eras, alguns que também se preparavam para a reencarnação amplificavam as boas sensações irradiadas pelos fluidos que constituem a atmosfera dos bem-aventurados.

De minha parte, eu recolhia naquele encontro as forças complementares para a tarefa que me fora dada pelo próprio Cristo. Aquela assembleia que unia os dois mundos era uma

---

[9] Veja-se: *A Gênese* - Os milagres segundo o Espiritismo, cap. XV - Os milagres do Evangelho - Superioridade da natureza de Jesus.

[10] Eis o que diz na chamada *Visitação*: “Assim que Isabel (Elisabeth) ouviu a voz de Maria, que a saudava, seu filho estremeceu em seu ventre, e Isabel foi preenchida do Espírito Santo.” (…) (Lucas, 1:39-44)

possibilidade de me retemperar junto ao meu amado Senhor, pois durante o processo de formação do corpo, meu Espírito ainda trabalhava para que na Terra o meu caminho fosse aberto. Ele, por sua vez, movimentava os fluidos que revestiriam sua pura essência para descer à Terra em meio aos corpos rudes da materialidade própria desse mundo.

Era, sem dúvida, a maior das renúncias, a prova inegável da humildade do puro Espírito que, livre no seio de Deus, abdicou da sua plena liberdade por amor aos seus irmãos retardatários. Transitando entre os indescritíveis altiplanos e o vale no qual habitaria em breve, o ser angelical, pleno de sabedoria e de caridade estava, naquele momento sublime, envolvendo espiritualmente, com seus fluidos divinos, sua futura família corporal, dando-nos a todos a certeza de que estaria conosco naquela que seria minha reencarnação mais marcante na Terra. Todos nós, envolvidos por ele, expressávamos nossa gratidão e nossos mais puros votos de êxito àquelas mulheres que, dispondo seus corpos como vasos sagrados, cuidavam de nos preparar a bênção da encarnação."

João Batista

(Psicografada dia 8 de janeiro de 2026.)

A seguinte comunicação espontânea foi ditada na mesma sessão, a outro médium.

Crede, nós estamos bem vivos!

"Crede, amigos, não há, nem poderia haver, solução de continuidade na caminhada dos seres criados para a perfeição, e ela torna-se ainda mais dinâmica para aqueles que têm a vontade firme de chegar ao objetivo.

Os Espíritos que animaram personagens, cujos nomes ficaram registrados na história, não estão encerrados nas páginas amareladas dos livros, tampouco paralisados por aqueles que insistem em mantê-los em blocos bem segmentados, imóveis, guardados em determinada época da história da humanidade.

O Espírito que animou o personagem Elias, por exemplo, não está encerrado nas poucas páginas em que foram registradas algumas passagens de sua existência na Terra, alguns séculos antes da vinda do Cristo, o Messias anunciado. Dinâmico, perseverante, sempre ativo, após deixar o corpo de carne continuou sua trajetória de Espírito imortal, sempre buscando servir a Deus, que ele ama acima de todas as coisas. Sim, Elias vive, a despeito dos que pensam o contrário. Ele progrediu, pois não era um puro Espírito e sabia disso. Jamais houve em sua trajetória qualquer procrastinação. No mundo dos Espíritos ele seguiu se instruindo e buscando, no limite de suas forças, aproximar-se cada vez mais de seu mestre amado, Jesus. Esse Espírito voltou ainda outras vezes à Terra, sempre com missões cujo objetivo era auxiliar seus irmãos a progredirem também. O corpo de Elias morreu, ou melhor, foi devolvido à terra de onde surgiu, mas o Espírito que o animava vive hoje e viverá eternamente, sempre ativo e dinâmico, buscando servir a Deus com todas as suas forças.

Esse é o pensamento que deveis estender sobre todos os Espíritos que passaram ou que passarão pela Terra, quer

sejam justos ou injustos, vítimas ou algozes, conhecidos do mundo ou totalmente desconhecidos: todos seguem vivendo.

Quando vos inspiramos a ideia de chamardes cristãos verdadeiros para vos contarem sobre seus passos junto ao Cristo, nosso objetivo é que, ao ouvirdes suas histórias, possais não só vos aproximar do Cristo, pela razão e pelo coração, mas também para que vejais a história sem segmentação, sem interrupções, sem inércia. São tantos os Espíritos sábios que podem e querem vir contar-vos suas histórias e talvez despertar em vossa alma a intuição de que também vós tendes uma história com o Cristo para relembrar.”

Vossos guias.

(Psicografada dia 8 de janeiro de 2025.)

Relato III

A masmorra fria não poderia aprisionar o ser espiritual

Por João Batista

"Enquanto meu corpo se encontrava encerrado na masmorra fria e escura, meu Espírito vagava livre, como se ainda estivesse às margens do Jordão. Aquele encarceramento injusto, fruto do orgulho ferido de uma autoridade terrena[11], não seria capaz de aprisionar o ser imortal que, mesmo revestido de um envoltório de carne, encontrava no pensamento as chaves que o libertavam de qualquer cativeiro.

Todo o meu ser se nutria da fé e da esperança que o Cristo nele havia acendido ao iniciar sua missão na Terra, propagando o Reino dos Céus em palavras e atos da mais pura caridade. As horas de solidão, a fome, o escárnio dos carcereiros, eram para mim situações que eu tomava apenas como um mau sonho que em breve passaria.

A realidade daqueles dias finais de minha existência como João Batista era de fato experimentada por meu Espírito, cujo ponto de vista lhe permitia alçar voo e vislumbrar, não aqueles instantes no cárcere, mas a redenção dos mansos e pacíficos da Terra, dos humildes e dos arrependidos, já iniciada pelo Verbo divino.

---

[11] Refere-se a Herodes Antipas que, a pedido de Salomé, instigada por sua mãe Hedodíades, esposa de Herodes, pede a cabeça do Profeta.

Minha alma vagava ao lado do Messias e de seus discípulos, entre os quais, para maior ventura de meu coração, estavam crentes sinceros no que eu lhes havia anunciado, e que não titubearam ante o convite do Cristo. Contemplava, com os olhos da alma, homens e mulheres de diferentes origens, de diversas posições sociais e graus de instrução, seguindo a passos seguros o bom Mestre, cujo ensino lhes tocava o coração e a razão.

A esperança que vibrava em meu ser fazia-me ignorar que, em breve, meu corpo seria aviltado pela vaidade contrariada do mundo. Em nada me afetaria a mão do carrasco; o que para uns representava um castigo, para mim era apenas o ato que consumaria minha passagem para a verdadeira vida, na qual minha alma já residia.

As imagens do Cristo caminhando com os seus, sorrindo e apontando para os pássaros do céu, faziam-se nítidas em minha consciência. Todos o ouviam atentamente, envolvidos por seus fluidos suaves e penetrantes, por sua voz cativante que anunciava a Boa-Nova libertadora: "não vos inquieteis com as coisas do mundo"; "acumulai tesouros no céu"; "onde está o vosso tesouro aí está também o vosso coração."

A verdade libertadora de não se prender às ilusões da Terra, mas buscar cultivar tesouros no céu, ou seja, na verdadeira vida, Jesus a ensinou e a viveu até seu último momento, no Gólgota. Nessa verdade sublime, repousei minha alma na hora derradeira, pois cria, de todo meu coração, no meu Senhor, meu Mestre, modelo e guia único dado por Deus à Humanidade."

João Batista

(Psicografada dia 15 de janeiro de 2026.)

O verdadeiro cativeiro é interior[12]

Por Allan Kardec

"A experiência do cárcere e da escravidão expressa uma realidade profunda sobre a condição humana: as verdadeiras correntes não são feitas de matéria, mas de ignorância, maldade e vício. Por meio dos exemplos de Sócrates, de Epicteto e de Nicolau de Bari, percebemos que a liberdade da alma não é um estado concedido por qualquer autoridade externa, mas uma conquista do aperfeiçoamento e da convicção interior.

Para Sócrates, a liberdade é a fidelidade absoluta ao bem, ao verdadeiro e ao belo.[13] Mesmo cativo e diante de uma sentença de morte, ele se recusou a fugir, pois compreendia que a verdadeira prisão seria trair os princípios e as leis que nortearam sua vida. Para o filósofo, submeter-se ao medo da morte ou à mentira seria agrilhoar a própria alma,

---

[12] Veja-se o artigo intitulado "A masmorra fria não poderia aprisionar o ser espiritual", publicado na *Revista Espírita - periódico de divulgação do Espiritismo prático*.

[13] "I. O homem é uma alma encarnada. Antes da sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles, encarnando, e, recordando o seu passado, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele." *O Evangelho segundo o Espiritismo* - Introdução - Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão. Veja-se também *O Estado, ou a República, de Platão,* especialmente os livros VI e VII. Sócrates ligava o belo ao bem e ao verdadeiro. Para ele, uma bela alma é também uma alma justa.

enquanto a aceitação da cicuta, com coragem, lhe garantiria a liberdade que nenhum juiz lhe poderia tirar.

Epicteto, por sua vez, traz à Filosofia a perspectiva de quem conheceu e sofreu na carne a escravidão física. Os princípios morais que apregoava e vivia fundamentavam-se na distinção entre o que, no mundo, depende da alma — como julgamento e vontade — e o que não depende — como o corpo, a riqueza, a pobreza ou a própria cativiдade. Para ele, a verdadeira liberdade reside unicamente no domínio da vontade; e aquele que colocasse sua felicidade em coisas externas tornava-se escravo das circunstâncias. Assim, um servo que governa sua própria razão é mais livre do que um imperador acorrentado por suas paixões.

Nicolau de Bari exemplifica como a prisão pode ser um crisol que exige paciência e fé. Durante as perseguições romanas, o cárcere não o levou ao desespero, ao ódio ou ao rancor, mas fortaleceu sua determinação de servir ao próximo e manter sua dignidade espiritual. Para Nicolau, a liberdade não era a ausência de amarras, mas a capacidade interior de permanecer em relação com o amor divino e com a caridade, transformando a própria dor em generosidade.

Embora pertençam a contextos distintos, as vidas desses três homens convergem para a lição de que o verdadeiro cativeiro é interior. Em suas experiências reencarnatórias, legaram à Humanidade a certeza de que a liberdade da alma se manifesta quando o ser humano se ancora em convicções sólidas, seja na busca pela verdade, como Sócrates, seja no rigor da razão, como Epicteto, seja no amor fraternal, como Nicolau; e quando torna as paredes de qualquer prisão, ou as cadeias de qualquer escravidão, impotentes diante do Espírito capaz de reconhecer que a

liberdade é uma lei divina e que, como filho de Deus, sempre estará sob seu amparo.”

Allan Kardec

(Psicografada dia 20 de junho de 2026.)

Relato IV

O deserto

Por João Batista

"O deserto, conforme antiga tradição, era um ambiente de solitude que dava à alma ensejo de preparar-se para cumprir seus desígnios no mundo. Espaço inóspito, era, no entanto, propício ao jejum, à oração, à reflexão e ao conhecimento de si mesmo.

O silêncio, rompido uma vez ou outra pelo canto de um pássaro, ou pelo sopro do vento ao entardecer, conferia a quem nele se encontrasse uma profunda sensação de paz. Afinal, o deserto, mesmo em sua vastidão, fazia as vezes de refúgio para o Espírito que, embora estivesse no mundo, a ele não pertencia.

Ali, qualquer um que buscasse preparação encontraria as condições ideais para perceber os próprios pensamentos e refletir sobre seus medos e suas inseguranças. Não havia

distrações, tampouco as preocupações rotineiras impostas pela vida em sociedade.

No deserto, busquei fortalecer-me; era o meu templo de recolhimento, no qual minhas preces e meditações se dirigiam a Deus em busca da compreensão da tarefa que eu deveria realizar.

O Cristo, no entanto, buscou o deserto não por necessidade de preparo, ou porque deveria passar por privação ou tentação, a fim de sentir-se pronto para anunciar o reino de Deus na Terra. Jesus o buscou para, como em tudo na sua vida, dar o exemplo aos que decidissem seguir-lhe os passos. Assim, podemos afirmar que não há trabalho sério, nem apostolado seguro sem as bases que garantam o êxito, bases que são forjadas no silêncio e no recolhimento.

Algumas vezes pude compartilhar, quando encarnado, de momentos com o Mestre no deserto. Orávamos e desfrutávamos da paz, na ausência de ruídos; retemperávamos a alma sem trocar palavras. Para mim, muitos de seus ensinos dispensavam o verbo; sua presença, seus gestos e sua atitude já eram plenos de instrução.

Após o meu retorno à verdadeira vida, estive mais uma vez com ele no alto do Tabor.[14] Do mundo espiritual, os profetas e o legislador hebreu reuniram-se para dialogar com Jesus, marcando o coração dos apóstolos que a tudo assistiram.[15] A estes, por ainda não compreenderem o destino do Mestre, foi dado testemunharem o fenômeno que tornaria

---

[14] *A Gênese* - Os milagres segundo o Espiritismo, cap. XV - Os milagres do Evangelho - Transfiguração.

[15] No Evangelho consta que eram os apóstolos Pedro, Tiago e João.

evidente que não há barreiras entre a matéria e o Espírito, entre encarnados e desencarnados, e que a morte do corpo jamais representaria o fim.

Mesmo assim, alguns seguiram sem compreender a essência daquele evento e, embora entusiasmados com o fenômeno, a grandeza do ensinamento escapou-lhes ao discernimento. O Cristo sabia, assim como eu, que, para o Tabor fazer sentido, era necessário antes ter experimentado o deserto. Para que a alma seja tocada pelo que os fenômenos podem ensinar, em sua completude, é preciso que esteja preparada e decidida; que busque vencer seus medos, suas tentações e, por fim, que mantenha o espírito atento e certo de que cumprirá, com o auxílio do Mestre, a tarefa a que se propôs.

Eis mais um exemplo de Jesus registrado pelas Escrituras, que jamais deve ser esquecido por nenhum de seus discípulos."

João Batista

(Psicografada dia 21 de janeiro de 2026.)

O oásis não deve ser tomado como oposto ao deserto

Por Allan Kardec

"Os sentidos que se podem atribuir à imagem do deserto são muitos e sempre é possível retirar deles instrução. Com João Batista, o deserto é, principalmente, recolhimento; com Jesus, vê-se o exemplo a ser seguido por todo aquele que deseja verdadeiramente preparar-se para cumprir as

tarefas que lhe cabem no mundo e pôr à prova a própria perseverança frente às “tentações” daqueles que, do mundo dos Espíritos, se revoltam contra quem se põe a avançar na via do progresso. Entre as antigas civilizações de onde se convencionou chamar Oriente, o deserto também remetia à noção de passagem, um período de trânsito em ambiente inóspito, mas necessário, para se chegar ao destino almejado.

Outra imagem que guarda relação com a do deserto e que serve também para que se reflita acerca do caminho da vida é a do oásis. O oásis não deve ser tomado como o oposto do deserto, mas sim como um entreposto útil que, sem o deserto, não teria o mesmo valor que a ele se atribui.

Quando parte para o deserto[16], aquele que é prudente prepara suas provisões, planeja seu percurso, prevê o que puder das possíveis atribulações, atenta para o peso da carga, ao tempo de travessia e a tantos outros fatores a serem postos em seus necessários cálculos. Contudo, se em meio à sua peregrinação o viajante se deparar com um oásis, terá diante de si um espaço privilegiado, contrastando com a penúria e a dureza de seu entorno, no qual poderá refrigerar-se, nutrir-se além do racionado e descansar na sombra – bendita exceção cujo valor só se dá verdadeiramente em razão de sua escassez.

Todavia, mesmo que o oásis retempere o corpo e a alma, em repouso não previsto e que deve ser bem aproveitado, ele não significa inatividade do espírito. No oásis, o caminhante agradece àqueles que lhe guiaram os passos até ali e louva a Deus, que os enviou em seu socorro, e lhe pede força e coragem para a continuidade da travessia.

---

[16] Veja-se acima o relato IV intitulado “O Deserto”, ditado pelo Espírito de João Batista.

A alma pode aproveitar as benesses do bom retiro para trabalhar, em melhores condições, em tudo aquilo que se propôs a realizar num meio agreste; entregar-se com ainda mais entusiasmo ao serviço a que foi destinada, pois tem diante de si, em cores vivas, em água límpida e pura, em comida leve, mas farta, em sombra suave e refrescante, elementos que lhe estimulam a gratidão ao Criador.

Se o deserto é recolhimento, é espaço de preparação e de luta contra as tentações, o oásis que se encontra nele não isenta a alma desses objetivos, mas dá a ela o refrigério que lhe relembra a bondade de Deus e lhe oportuniza recuperar as forças e seguir o percurso que a levará ao fim que lhe é destinado."

Allan Kardec

(Psicografada dia 21 de abril de 2026.)

Relato V

Jesus, o médico das almas, era também o melhor professor.

Por João Batista

"Desde minha desencarnação, quando me libertei dos despojos que estavam sob os grilhões de Herodes, passei a percorrer, em Espírito, as terras por onde Jesus passava com seus discípulos. Buscava inspirar a estes últimos a formulação de perguntas que pudessem abrir-lhes novos horizontes mediante as respostas do Mestre.

Jesus, o médico das almas, era também o maior dos professores. Mesmo tendo eu recebido seus ensinamentos tantas vezes, não apenas me satisfazia presenciar o avanço do entendimento dos apóstolos sobre o que ele ensinava, mas também ouvir meu Mestre dar sábias lições lançando mão de figuras singelas do mundo.

Desci, invisível, ao lado de todos, o monte onde ocorreu a transfiguração. Jesus, que envolvera a todos com seus fluidos puros, ensinava aos discípulos que subiram com ele o Tabor, a respeito de Elias, assentando assim um pouco mais as bases para o entendimento futuro da lei da reencarnação.[17]

Após a revelação categórica da imortalidade da alma, pela aparição dos Espíritos de Elias e de Moisés, no alto do Tabor, durante o retorno ao vale o Cristo lhes ensinava sobre

---

[17] Veja-se: *A Gênese* - As predições segundo o Espiritismo, cap. XVII - Predições do Evangelho - Advento de Elias.

a volta do Espírito ao mundo corporal. Diante da pergunta que lhe fora feita, o Cristo respondeu: “É verdade que Elias deve voltar…"; mas eu vos declaro que Elias já veio…”.[18] Minha alma, uma vez mais, foi tomada de júbilo por poder ser parte, ainda que pequena, de sua jornada e de seus ensinamentos.

Concluída a descida, os discípulos — mesmo que há pouco houvessem sido tomados pelas luzes da verdade e banhados pelos fluidos sublimes no alto do Tabor — mergulharam rapidamente na inquietação da multidão que aguardava o Mestre. Entre eles, estavam outros de seus discípulos que tentaram, sem sucesso, libertar um jovem de uma possessão que o afligia há muito tempo.

Jesus, escolhendo as palavras que melhor seriam assimiladas por seus alunos e pela multidão, transpôs o ensinamento mais profundo para os dizeres do mundo: “Até quando…?”[19]

O silêncio, então, tomou conta da multidão. Os discípulos voltaram total atenção ao Mestre, pois sabiam que ali haveria mais um ensinamento. Jesus ordenou ao *demônio*[20] que se afastasse, e o Espírito deixou o menino. A cena diante de seus olhos, atentos depois da advertência do Mestre, proporcionou a eles uma instrução que marcaria seu futuro apostolado: crer solidamente, orar com sinceridade e fervor e abster-se de ceder aos impulsos das paixões; crer,

---

[18] Veja-se: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV - Ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo.

[19] *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIX - A fé transporta montanhas - Poder da fé, item 1.

[20] Vide: *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* - Vocabulário Espírita - DEMÔNIO.

orar e jejuar, para que tudo o que o Cristo ensinava pudesse se transformar em ações no mundo, servindo ao progresso de seus semelhantes.

O Mestre, pleno de sabedoria, soube, como ninguém, ensinar aos seus alunos de outrora, e também ensinará a todos os que, em qualquer tempo, quiserem compreender suas palavras e seguir seus exemplos."

João Batista.

(Psicografada dia 4 de março de 2026.)

Jamais o Cristo deixou de zelar pela humanidade

Por Allan Kardec

“Jamais, em tempo algum, o Cristo deixou de zelar pela humanidade ao longo de sua história. Seus enviados, auxiliando diretamente o mundo, pela encarnação, promoveram avanços significativos desde os primórdios da civilização, preparando o terreno para que, mais tarde, o próprio Messias encarnasse na Terra, a fim de ensinar verdades eternas, sem intermediários.

As bases civilizacionais da Mesopotâmia, que aos poucos foram se expandindo para o Ocidente, propiciaram a vinda de Abraão que, com sua fé inabalável no Deus único, fez com que seus ensinos fossem compreendidos, aceitos, e que seu exemplo servisse de modelo para muitos. Servidor do

Cristo, que o mundo ainda não conhecia, o patriarca deixou sua valiosa contribuição, preparando o terreno no qual o Mestre viria, mais tarde, semear suas preciosas sementes.

Por volta de 400 anos depois, Moisés consolidou o monoteísmo, que ainda era de difícil compreensão para muitos, trazendo ao mundo o Decálogo e a noção de lei em sua dimensão moral.

Passados aproximadamente 400 anos, Elias retornou ao mundo visando relembrar as leis e a moral àqueles que voluntariamente as esqueceram, para persuadir aos corrompidos e aos que idolatravam falsos deuses, a que se arrependessem, retornassem ao Deus único e a Ele dedicassem sua fé.

Cerca de 400 anos transcorreriam para que o mundo recebesse novamente esse mesmo discípulo do Cristo, que agora estabeleceria as bases filosóficas para o entendimento da alma e da sua imortalidade, da justiça e da moral.[21]

Na Palestina, mais ou menos 400 anos depois, o próprio Cristo viria, pois as condições já estavam preparadas; e, com ele, o discípulo retornou para chamar os pecadores ao arrependimento e também para apresentar[22] o Messias

---

[21] Veja-se: *O Evangelho segundo o Espiritismo* - Introdução - IV - Sócrates e Platão, precursores da idéia cristã e do Espiritismo.

[22] "João dá testemunho dele [o Cristo] e clama, dizendo: Eis aquele de quem eu vos dizia: Aquele que virá depois de mim, foi escolhido, porque já existia antes de mim." (João, 1: 15) Curioso é que Jesus disse: "Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão existisse, eu sou." (João, 8: 58)

anunciado[23], que já caminhava sobre a Terra entre os filhos de Deus já preparados para ouvir sobre a lei de amor.

Dos primórdios da civilização, passando pela encarnação de Jesus, até os dias atuais, em nenhum momento o progresso moral da humanidade foi deixado à própria sorte. O Cristo mantém seus mais profundos ensinos sempre disponíveis às almas que se encontram na prova da encarnação, não somente salvaguardados nos livros, mas revividos nas palavras de instrução e nos exemplos daqueles a quem ele elege para retornarem, de tempos em tempos, a esse mundo, num corpo físico, com o objetivo de impulsionar o progresso da humanidade.

Usando os alicerces e os primeiros andares do edifício já construídos, cada Espírito que desce à Terra com esse objetivo, dá a sua cota de contribuição. Hoje, após o advento do Espiritismo, mesmo que os livros se percam ou que a violência cale os que reencarnam a serviço do Cristo, todo aquele que tem sede da verdade, de amor, de progresso e de liberdade, tem na comunicação dos Espíritos seu principal manancial.

Quando o Espiritismo é seriamente praticado nos lares e nos pequenos grupos particulares, os esforços dos patriarcas, dos legisladores, dos filósofos e dos profetas que o Cristo enviou à Terra — da qual receberam, muitas vezes, o escárnio e o martírio — são devidamente honrados.

Cada livro espírita que se lê, cada reunião séria que se realiza, cada obsessão curada, cada Espírito moralizado, cada ensino dado, cada ato de caridade, como a entendia o Mestre,

---

[23] A vinda do Messias fora anunciada por vários profetas, entres eles Isaías e Jeremias, cerca de 700 a.C.

constituem também a continuidade dos passos do Cristo e de seus emissários na Terra. Emissários estes que, por amor ao Espírito de Verdade e pela humanidade, nunca se recusarão a vir instruir os homens sempre que chamados por um coração sincero; eles muito se alegrarão com isso e com os esforços que cada um empreende para melhorar-se, guiado pelos ensinos e pelos exemplos dados por Jesus."

Allan Kardec

(Psicografada dia 11 de março de 2026.)

> "Contudo, é preciso constatar que entre as raças brutais já aparecem alguns seres superiores, Espíritos encarnados, com a tarefa de conduzir a Humanidade ao seu objetivo e apressar o advento da era hebraica e pagã.
>
> Devo acrescentar que, além desses Espíritos encarnados, o globo terrestre era frequentemente visitado por esses ministros de Deus cuja memória foi conservada pela tradição sob os nomes de anjos e de arcanjos, que quase diariamente se punham em contato com os seres superiores, Espíritos encarnados, dos quais falei. A missão de alguns desses anjos continuou durante uma grande parte da segunda fase humanitária."[24]

---

[24] *Revista Espírita*, novembro de 1862 - Dissertações espíritas - Origem da linguagem.

"Tudo quanto vos posso dizer é que poderosos auxiliares virão para fechar a boca a mais de um detrator. Entretanto, a luta será viva, e se no conflito houver vítimas de sua fé, que elas se rejubilem, como o faziam os primeiros mártires cristãos, dos quais muitos estão entre vós, para vos encorajar e dar exemplos, e que elas se lembrem destas palavras do Cristo: “Felizes os que sofrem perseguição por amor à justiça, porque deles é o reino dos céus.” [25]

"Jesus gostava da simplicidade dos símbolos e, na sua linguagem máscula, os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, as quais continuaram a ser assinaladas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente, pelos espíritas. Estes, que por último vieram, foram anunciados e preditos desde a aurora do advento do Messias e receberão a mesma recompensa. Que digo? recompensa maior. Últimos chegados, eles aproveitam dos labores intelectuais dos seus predecessores, porque o homem tem de herdar do homem e porque coletivos são os trabalhos humanos: Deus abençoa a solidariedade. Aliás, muitos dentre aqueles revivem hoje, ou reviverão amanhã, para terminarem a obra que começaram outrora. Mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã se encontram no meio deles,

[25] *Revista Espírita*, dezembro de 1863 - Dezembro - Período de luta.

porém, mais esclarecidos, mais adiantados, trabalhando, não mais na base e sim na cumeeira do edifício. Receberão, pois, salário proporcionado ao valor da obra.

O belo dogma da reencarnação eterniza e precisa a filiação espiritual. Chamado a prestar contas do seu mandato terreno, o Espírito se apercebe da continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada. Ele vê, sente que apanhou, de passagem, o pensamento dos que o precederam. Entra de novo na liça, amadurecido pela experiência, para avançar mais. E todos, trabalhadores da primeira e da última hora, com os olhos bem abertos sobre a profunda justiça de Deus, não mais murmuram: adoram.

Tal um dos verdadeiros sentidos desta parábola, que encerra, como todas as de que Jesus se utilizou falando ao povo, o gérmen do futuro e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, a revelação da magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no Universo, da solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro. – *Henri Heine.* (Paris, 1863.)[26]

Imigração de Espíritos superiores para a Terra

(Sociedade Espírita de Paris, 7 de outubro de 1864)

(Médium Sr. Delanne)

---

[26] *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XX - Os trabalhadores da última hora - Instruções dos Espíritos - Os últimos serão os primeiros, item 3.

"Falar-vos-ei esta noite das imigrações de Espíritos adiantados que vêm encarnar-se em vossa Terra. Já esses novos mensageiros tomaram o bastão de peregrino; eles já se espalham aos milhares em vosso globo; por toda parte são dispostos pelos Espíritos que dirigem o movimento de transformação por grupos, por séries. Já treme a Terra ao sentir em seu seio aqueles que ela outrora viu passar através de sua Humanidade nascente. Ela se rejubila por revê-los, porque pressente que eles vêm para conduzi-la à perfeição, tornando-se guias dos Espíritos ordinários que necessitam ser encorajados por bons exemplos.

Sim, grandes mensageiros estão entre vós. São eles que se tornarão os sustentáculos da geração futura. À medida que o Espiritismo vai crescer e desenvolver-se, Espíritos de uma ordem cada vez mais elevada virão sustentar a obra, em razão das necessidades da causa. Por toda parte Deus espalhou esteios para a doutrina. Eles surgirão no devido tempo e lugar. Assim, sabei esperar com firmeza e confiança, pois tudo o que foi predito acontecerá, como diz o santo livro, até um *iota.*

Se a transição atual, como acaba de dizer o mestre, levantou as paixões e fez surgir a escória dos Espíritos encarnados e desencarnados, ela também despertou o desejo ardente, numa porção de Espíritos de uma posição superior nos mundos dos turbilhões solares, de virem novamente servir aos desígnios de Deus para esse grande acontecimento.

Eis por que eu dizia há pouco que a imigração de Espíritos superiores se operava em vossa Terra para ativar a marcha ascendente de vossa Humanidade. Assim, redobrai de coragem, de zelo, de fervor pela causa sagrada. Sabei que

nada deterá a marcha progressiva do Espiritismo, pois poderosos protetores continuarão vossa obra."[27]

MESMER

> "Houvessem Sócrates e Platão conhecido os ensinos que o Cristo difundiu quinhentos anos mais tarde e os que agora o Espiritismo espalha, e não teriam falado de outro modo. Não há nisso, entretanto, o que surpreenda, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados hão de tê-las conhecido antes de virem à Terra, para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos daqueles tempos bem podem, depois, ter sido dos que secundaram o Cristo na sua missão divina, escolhidos para esse fim precisamente por se acharem, mais do que outros, em condições de lhe compreenderem as sublimes lições; que, finalmente, pode dar-se façam eles agora parte da plêiade dos Espíritos encarregados de ensinar aos homens as mesmas verdades."[28]

A volta de Elias

"Se me amais, guardai os meus mandamentos — e eu pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: — *O Espírito de Verdade* que o mundo não pode receber, porque não o vê; vós, porém,

---

[27] *Revista Espírita*, maio de 1865 - Imigração de Espíritos superiores para a Terra.

[28] *O Evangelho segundo o Espiritismo* - Introdução - Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão.

o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós. — Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, *vos ensinará todas as coisas e fará vos lembreis de tudo o que vos tenho dito*. (S. João, 14:15 a 17 e 26. — *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI.) (…)

"Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas presentemente não as podeis suportar.

Quando vier esse Espírito de Verdade, ele vos ensinará toda a verdade, porquanto não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e vos anunciará as coisas porvindouras.

Ele me glorificará, porque receberá do que está em mim e vo-lo anunciará. (S. João, 16:7 a 14.)" (…)

"Sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, Jesus anunciou a vinda daquele que deve *ensinar todas as coisas* e de fazer *lembrar* o que ele dissera. Logo, não estava completo o seu ensino; ademais, prevê não só que ficaria esquecido, como também que seria desnaturado o que por ele fora dito, visto que o Espírito de Verdade viria tudo lembrar e, de concerto com Elias*, restabelecer todas as coisas*, isto é, segundo o verdadeiro pensamento de Jesus."[29]

---

[29] *A Gênese* - As predições segundo o Espiritismo, cap. XVII - Predições do Evangelho - Anunciação do Consolador.